

Pólvora e espoleta

Os balanços de 400 empresas brasileiras representativas de 33 sub-setores industriais, analisados por uma empresa paulista de consultoria, revelaram alta liquidez, rentabilidade satisfatória e crescimento positivo em 1988. Como o espectro da amostragem é relativamente amplo, sofre-se a tentação de extrapolar os indicadores e concluir que o setor privado da economia não vai mal. Ao contrário, parece ir bastante bem.

É, porém, como dissemos, mera tentação. Os fatos reais devem ser identificados em outra ordem de análise. De plano, todavia, pode-se afirmar, com escassa margem de erro, que o País não vive uma crise econômica, mas um desajuste financeiro do setor público. É nele que reside o perigo. É daí que pode começar o incêndio. Mas o desajuste financeiro do setor público gera uma inflação brutal de 800 por cento ao ano e esta circunstância é, pela ordem natural das coisas, impeditiva do desempenho identificado na economia privada. A menos que — e seguramente não é este o caso — o Brasil contasse com um mercado interno de elevadíssimo poder aquisitivo, capaz de suportar por um período de tempo prolongado o impacto da inflação.

Tendo-se como verdade que, embora inexistindo uma desordem estrutural na economia há, porém, uma inflação brutal, como se explicam os saudáveis indicadores que a amostragem revela?

Explica-se, em primeiro lugar, pelo comércio exterior. O Brasil teve este ano seu melhor desempenho da década, exportando praticamente tudo o que produ-

ziu numa conjuntura de preços internacionais ascendentes. É por aí que se fez a boa rentabilidade e o crescimento positivo. Mas como a situação interna foi de extrema insegurança, os capitais apropriados pelo comércio exterior se deslocaram para o mercado financeiro, e não para o reinvestimento, gerando altíssima liquidez. Só para se ter uma idéia da importância deste dado, basta informar que, este ano, a intermediação financeira do País apropriou aproximadamente onze por cento do PIB, um volume fantástico de dinheiro. Esta apropriação se deu, basicamente, na corretagem de títulos públicos realizada pelos bancos, ou seja, foi a dívida pública interna que gerou essa hipertrofia do setor financeiro.

Temos, por outro lado, que em grande parte a energia com que o setor produtivo enfrentou a adversidade inflacionária deriva do sistema cartorialista implantado no País. Pode-se fazer a pesquisa: todas as empresas, industriais ou não, que cresceram este ano acham-se inseridas num cartório. Com certeza, pode-se desde logo afirmar que nenhuma que esteja disputando no mercado livre, o mercado da livre concorrência, conseguiu desempenho satisfatório.

Está aí o retrato do Brasil que cresce na inflação. O que cresceu foi a sua parte belga — responsável pela quase totalidade do PIB — à custa da sua parte índia, integrada pela quase totalidade da população. Estão crescendo, na verdade, de um lado o barril de pólvora e do outro a espoleta, representada pela inflação. Se não tomarmos cuidado, os dois se encostam.